

## EU, POR MIM MESMO

Eu vim do interior, do interior de minha mãe... Foi lá em Caeté, há mais de meio século, onde meu pai trabalhava em uma fábrica de tubos, e se casou com minha mãe. Dizem que a união foi secreta, após um atribulado namoro. Meu avô materno não deu a sua bênção, pois não admitia que suas filhas se relacionassem com homens!!! Parece até novela mexicana, cheia de dramas, sofrimento, lágrimas. Mas, como sempre ocorre nas novelas, o final foi feliz.



Eu passei a minha infância em Caeté, morando em uma casa cercada por um enorme jardim encantado. Lá nessa floresta misteriosa eu realizava minhas brincadeiras prediletas: voos de aviões (eu queria ser piloto no futuro) e reprodução de guerras históricas, com soldadinhos de chumbo e de plástico. Também gostava de jogar futebol de botão. Mas eram brincadeiras solitárias, pois não tinha companheiros. Ou não queria tê-los, pois sempre fui muito tímido e também egoísta.

Aí ocorreu a primeira mudança de vida. Com 15 anos, vim estudar em Ouro Preto, morando junto com a saudosa Tia Áurea (de minha mais elevada consideração!). Duas transformações ocorreram neste período. Após ouvir alguns discos de Tia Áurea e sofrer com sua insistência para tornar-me pianista, acabei apaixonando-me por Bach, Mozart, Beethoven, até chegar nas óperas de Wagner. Música é um de meus *hobbies*. Também despertei o interesse pelo sexo oposto (ufa, até que enfim...), culminando com o romance com Vera Lúcia. Minha doce namorada (nome de novela da época) eu conheci por intermédio de um grupo de jovens católicos, e sacramentei o enlace após dançar com ela quadrilha em uma festa junina. Para conquistar a sogra, teve até serenata na madrugada, realizada com autorização por escrito do delegado da cidade.

Nova mudança de vida ocorreu com a formatura na Escola de Minas em 1980. Logo em seguida veio a partida para o Rio de Janeiro, para fazer o mestrado no Instituto Militar de Engenharia. Esta foi uma mudança radical, a primeira vez que eu estava totalmente longe de minha família. A experiência no Rio tornou-se tão agradável (mesmo com roubos e balas perdidas), que retornamos em 1988, para o doutorado na UFRJ.

E aí eu me casei com Vera Lúcia. Minha mãe era contra, mas foi convencida pelo Padre Barroso a relaxar os conceitos pois, afinal de contas, a parceira poderia tomar conta de mim e me proteger de tentações cariocas...

Três consequências apareceram do casamento: Patrícia, Maria Teresa e Alberto. Eu me orgulho deles. Mais do que pelo fato de já estarem encaminhados nos estudos, mas principalmente pelo fato de terem consciência de cidadania. Todos com o espírito de “dar de si antes de pensar em si” (onde mesmo já ouvimos isto?).

Nós moramos com minha mãe, em uma casa que ela construiu no Bairro Rosário. Dizem que é uma casa grande, que poderia até ser um salão para bailes, ou um abrigo para o MST. Mas todos hão de convir comigo, a densidade demográfica é elevada. Além da família, convivemos com a cachorrada (Zizou, Bijuzinha e Baudolino), mais sete passarinhos e alguns ratos e gambás. A vizinhança é de altíssimo nível: Dirceu, Mauro, Alcindo, etc. Eu tentei anexar o Passo da Ponte Seca, para comercializar batismos, casamentos e velórios. Padre Simões não gostou da idéia, mas acabamos assinando um acordo de cooperação para manutenção do monumento. Agora, com a revitalização do terreno ao lado da Ponte Seca, deve sobrar também para mim a manutenção da praça, pois parece que a PMOP já sinaliza com a incapacidade para cuidar da obra.

Vou fazer 30 anos de docência na UFOP, onde passei por diversas experiências, inclusive a de Diretor da Escola de Minas. Tudo indica que não tenho a simpatia de nenhum dos três segmentos que trabalham comigo. Os estudantes não entendem a minha cobrança por raciocínio e não perdoam a coragem de reprovar (algumas vezes) até 90% da turma. Os funcionários não aceitam minhas idéias anti-democráticas (ou melhor dizendo, anti-democratite). Os professores não gostam de minhas críticas ao corporativismo e ao patrulhamento ideológico, e a defesa da meritocracia. De qualquer forma, eu tenho a consciência

tranquila que estou deixando algo de importante para a instituição: a consolidação de um laboratório de avaliação de propriedades de materiais, referência nacional.

A experiência no Rotary Club merece destaque. Estou completando 11 anos no RCOP. É uma oportunidade para se relacionar na sociedade, perder a timidez e o egoísmo, conhecer pessoas e criar laços de amizade. Enfim, trata-se de uma forma de exercer a cidadania. Tudo evidentemente com muita festa e coquetel...

Eu encerro este breve relato sobre a minha própria existência, e lanço a pergunta: será que valeu a pena tudo isto? Lembrando dos versos de Fernando Pessoa, grande poeta português:

“Valeu a pena? Tudo vale a pena,  
Se a alma não é pequena”.

*Leonardo Barbosa Godefroid*